

Um levante proletário em Florença no século XIV *

Simone Weil (1934)

Apresentação

O final do século XIV foi, de um modo geral, na Europa, um período agitação social e revoltas populares. Os países onde o movimento foi o mais violento foram aqueles que passaram a ser economicamente mais avançado, ou seja, Flandres e Itália. Em Florença, cidade dos grandes comerciantes tecidos e fábricas de lã, assumiu a forma de uma verdadeira insurreição proletária, que foi momentaneamente vitoriosa. Esta insurreição, conhecida sob o nome de levante Ciompi, é, sem dúvida, a mais antiga das insurreições proletárias. Merece ainda mais ser estudada a esse respeito, pois já apresenta, com notável pureza, os traços específicos que encontraremos mais tarde nos grandes movimentos da classe operária, classe mal constituída na época, e que assim se apresenta como fator revolucionário desde o seu surgimento.

A Florença do século XIV era, aparentemente, um estado corporativo. Desde os *ordinamenti di giustizia* de 1293, o poder estava nas mãos das artes, ou seja corporações. Uma arte é uma corporação ou, mais frequentemente, uma união de corporações que forma um pequeno estado dentro de um estado, com líderes eleitos cujos poderes se estendem à jurisdição civil sobre os membros da arte, um caixa registadora, estatutos. E Florença era governada pelos *priores das artes*, magistrados designados pelas artes, e por um gonfaloneiro da justiça, designado pelo *priores*, e que tem mil mercenários armados sob suas ordens.¹ Quanto aos nobres, os *ordinamenti di giustizia*, os excluíram de qualquer função pública e os submetem a medidas excepcionais muito severas. Se acrescentarmos que todos os magistrados eram eleitos por períodos de tempo muito curtos e deviam prestar contas de sua gestão, Florença dessa época parece ser uma república de artesãos.

Mas, na verdade, as *artes* florentinas são algo bem diferente das guildas medievais. Em primeiro lugar, seu número é fixado em vinte e um e não pode ser modificado; é proibido formar uma nova *arte*. Aqueles que estavam fora das vinte e um estavam, portanto, privados de direitos políticos. Então, se as artes dos artesãos e pequenos comerciantes se assemelham às corporações comuns da Idade Média, essas *artes*, chamadas *artes menores*, são mantidas em segundo plano na vida política. O verdadeiro poder pertence às *artes maiores*, que só incluem – se deixarmos de lado juizes, notários e médicos – banqueiros, grandes comerciantes, fabricantes de tecidos e fabricantes de seda. Quanto aos que trabalham com lã ou seda, alguns são "membros menores" da arte correspondente à

* Simone Weil (1909-1943). *Écrins historiques et politiques*. 1. Première partie: histoire/ 6 - Un soulèvement prolétarien à Florence au XIVe siècle (1934), disponível em <http://classiques.uqac.ca/classiques/weil_simone/ecrts_historiques/ecrts_historiques.html>. Documento produzido em versão digital pela Sra. Marcelle Bergeron, professora aposentada da École Dominique-Racine em Chicoutimi, Quebec e trabalhadora voluntária – E-mail: mabergeron@videotron.ca/ Site: http://www.geocities.com/areqchicoutimi_valin como parte da coleção: "Os clássicos das ciências sociais", dirigido e fundado por Jean-Marie Tremblay, professor de Sociologia no Cégep de Chicoutimi/ Site: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html Uma coleção desenvolvida em colaboração com a Biblioteca Paul-Émile-Boulet da Universidade de Quebec em Chicoutimi/ Site: <http://bibliotheque.uqac.quebec.ca/index.htm> Edição concluída em 9 de agosto de 2003 em Chicoutimi, Quebec.

Na tradução do texto de Maquiavel com a apresentação de S.W., sob o subtítulo *Um levante proletário em Florença no século XIV*, utilizamos a versão francesa acima indicada e a tradução do livro *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*, coletânea de textos organizada por Ecléa Bosi e traduzidos por Therezinha G.G. Langlada (São Paulo: Paz e Terra, 1979); lançamos mão ainda dos tópicos 8 a 18 de *História de Florença*, de Maquiavel (São Paulo: Martins Fontes: 2007) e cotejamos finalmente com uma edição italiana da História de Florença, disponível para download em <http://www.ousia.it/sitoousia/sitoousia/testidifilosofia/TestiPDF/Machiavelli/IstorieFiorentine.pdf> Os itálicos são da autoria de S.W.

1 Gonfaloneiro (em italiano gonfaloniere) era uma alta magistratura italiana, mais comum na Toscana. A função foi criada em 1250 em Florença e depois imitada por outras cidades. Suas atribuições variaram com o tempo. Inicialmente o *gonfaloniere di compagnia* era o magistrado guardião dos selos, bandeiras e outras insígnias civis e militares (gonfaloni), comandando milícias populares organizadas de acordo com as áreas da cidade. Mais tarde, fundindo-se ao Priorado das Artes (a direção das guildas), veio a formar a instituição da Signoria. O *gonfaloniere di giustizia* surgiu em 1289 como capitão de milícias profissionais encarregadas de defender o povo da cidade e seus líderes da opressão dos grandes potentados. Em 1293 foi regularizado como capitão do Colégio dos Priores, passando a se responsabilizar pela execução da Justiça, e em 1306 assumiu a liderança do governo civil. Assim permaneceu ao longo do período republicano de Florença, e no principado passou a ser o chefe dos magistrados. [Enciclopedia Italiana. Treccani, 1933] Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gonfaloneiro>

sua profissão, com direitos muito restritos, mas a maior parte está simplesmente subordinada à arte, ou seja, submetidos à sua jurisdição sem possuir quaisquer direitos. Na maioria das vezes eles são estritamente proibidos não apenas de se organizarem, mas também de se encontrarem entre si. *L'arte di Por Santa Maria* – a dos fabricantes de seda – e, sobretudo, *L'arte della lana* não são, portanto, corporações, mas sindicatos de empregadores. Longe de ser uma democracia, o Estado florentino está diretamente nas mãos do capital bancário, comercial e industrial.

Durante o século XIV, *L'arte della lana* gradualmente tomou a influência preponderante, pois a fabricação de tecidos tornou-se o principal recurso da cidade, onde todas as grandes famílias das outras corporações nela iam aplicando os capitais. Pela sua estrutura, constitui um pequeno Estado, que organiza seus serviços públicos, arrecada impostos, emite empréstimos, constrói instalações, organiza armazéns, cuida de arranjos que vão além as possibilidades de cada empreendedor. É também um cartel, que impõe aos seus membros um máximo de produção que eles estão proibidos de ultrapassar. Isso é, sobretudo, uma organização de classe, cujo principal objetivo é defender em todas as ocasiões, os interesses dos tecelões contra os trabalhadores. Aqueles, ao contrário, privados de qualquer tipo de organização, encontram-se desarmados. Eis o principal motivo da insurreição dos *Ciampi*.²

Esses trabalhadores de lã se distribuíam em categorias muito diferentes quanto à situação técnica, econômica e social e, em consequência, desempenharam papéis diferentes na revolta. O mais numeroso foi o de trabalhadores assalariados nas oficinas. Cada comerciante de tecidos tinha, com sua loja, uma grande oficina, ou melhor, se tivermos em conta a divisão e a coordenação de trabalho, uma fábrica onde a lã era preparada antes de confiá-la aos fiandeiros. O trabalho realizado nestas oficinas – lavar, limpar, debulhar, pentear, amarrar – era em parte trabalho laboral, mas também em parte relativamente qualificados. A organização da oficina era semelhante à de uma fábrica moderna, com exceção do maquinário. A divisão e a especialização foram levadas ao extremo. Uma equipe de capatazes garantia a vigilância; a disciplina era uma disciplina de quartel. Os trabalhadores, assalariados, pagos por dia, sem tarifas nem contratos, dependiam inteiramente do chefe.³ Este proletariado de lã era, em Florença, a parte mais desprezada da população. Foi ele também quem, de todos os estratos rebeldes da população, mostrou o espírito mais radical. Esses trabalhadores foram apelidados *Ciampi* e o fato de terem dado seu nome à insurreição mostra bem como parte que tomaram nela.

Fiandeiros e tecelões também estavam reduzidos de fato à condição de trabalhadores assalariados, mas eles eram trabalhadores domésticos. Isolado por seus próprios trabalhos, privados do direito de se organizarem, não parecem ter demonstrado nenhum momento o espírito de luta. A tecelagem era, de fato, um trabalho altamente qualificado, mas a vantagem que os tecelões poderiam ter tirado desse fato foi cancelada no século XIV pelo influxo de tecelões estrangeiros para Florença, especialmente alemães. Já os tintureiros, trabalhadores altamente qualificados, impossíveis de substituir por estrangeiros, porque não havia tintureiros melhores do que os de Florença, entrou em primeiro lugar na luta de protesto. Para dizer a verdade, os tintureiros eram privilegiados em relação aos outros trabalhadores de lã. O tingimento exigia o investimento de um capital considerável, e esse investimento envolvia grandes riscos. Assim, os fabricantes não procuravam ter seus próprios

2 No século XIV, em Florença, esse nome de origem incerta era usado para designar os assalariados submetidos às várias guildas ou aqueles que professavam as tarefas mais humildes fora de qualquer guilda, mas sobretudo os trabalhadores empregados pela guilda de lã e ascendendo em número a muitos milhares. Estes últimos – talvez únicos na grande massa da plebe florentina – encontravam-se na condição de simples assalariados à mercê dos empresários, que cediam o trabalho, sem reconhecer ao trabalhador o direito de fixar o preço do trabalho. Pagos dia a dia a critério das Artes com salários de fome, trancados como condenados, durante todo o dia, em quartos insalubres, viviam em estado de verdadeira servidão. Era-lhes muito difícil sair da oficina que comandavam e procurar outro patrão, tanto porque o Grêmio impedia que todos os sócios os contratassem como operários, como porque quase sempre em dívida com os patrões eram obrigados a servi-los, até que com seu trabalho pagaram a dívida. Em caso de faltas ou disputas, não eram julgados pelo tribunal da guilda, mas por um oficial estrangeiro, uma espécie de bargello, eleito e pago pela guilda, que poderia submetê-los a torturas ou castigos corporais. Eles não gozavam de direitos de cidadania e, portanto, não participavam dos assuntos públicos; eles foram impedidos de se reunir em ligas que poderiam torná-los perigosos pela força dos números. Para maiores informações acessar a Enciclopédia Treccani, disponível em https://www.treccani.it/enciclopedia/ciampi_%28Enciclopedia-Italiana%29/ Na nota da tradução de História de Florença para a língua portuguesa (São Paulo: Martins Fontes, 2007)

3 A descrição de S.W. corresponde não a uma fábrica mas a uma manufatura.

tintureiros. Foi a *arte della lana* que criou, para tingimento, grandes instalações contendo parte de ferramentas e as disponibilizou a todos os industriais que desejavam servir; assim os tintureiros nunca dependeram de um determinado industrial, como foi o caso dos *Ciampi*, e também dos tecelões, cujos negócios geralmente pertenciam aos fabricantes. Os pisadores e tosquiadores de pano encontravam-se na mesma situação a esse respeito que os tintureiros. Finalmente, os tintureiros não foram totalmente privados de direitos políticos. Eles tinham uma organização, puramente religiosa, é verdade, mas que lhes permitia encontrar-se. Eles não estavam simplesmente subordinados à *arte della lana*, como os operários das oficinas, os fiandeiros e os tecelões; eles eram membros, embora "membros menores", e assim tinham uma certa participação no governo. Seus interesses estavam, portanto, longe de coincidir com os da *Ciampi*, e sua atitude durante a insurreição mostrou isso. No entanto, não lhes faltavam motivos para se revoltar. Negado o direito de organizar para defender suas condições de trabalho, subordinados aos seus empregadores que, pela lei societária, tornavam-se seus juízes assim que houvesse uma disputa, teriam sido rapidamente reduzidos à situação de outros trabalhadores se não conseguiu tirar partido das crises econômica e política.

As primeiras lutas sociais sérias ocorreram em 1342, sob a tirania do Duque de Atenas. Ele era um aventureiro francês a quem Florença, exausta pelas brigas que ocorriam constantemente entre as famílias mais poderosas, entregou o poder vitalício para que pudesse restaurar a ordem.

Esta eleição foi apoiada sobretudo pelos descontentes, isto é, de um lado, pelos nobres, a quem o acesso aos cargos públicos havia sido restabelecido mas que, no entanto, queria ver o fim do estado corporativo e, de outro lado, pelo povo. O duque de Atenas se apoiou principalmente, durante os poucos meses que reinou, nos operários, graças aos quais esperava poder resistir a hostilidade da alta burguesia. Agradou aos tintureiros, que se queixavam de serem pagos com anos de atraso e de não terem recurso legal, e que pediam para constituir uma vigésima segunda *arte*. Ele organizou os operários das oficinas de lã, não em uma corporação, mas em uma associação armada. Pouco depois, foi derrubado por um motim em que quase toda a população participou, que não tinha defensores senão açougueiros e uns poucos. A *arte dos tintureiros* não foi criada, mas dos proletários de lã guardaram suas armas e delas se serviram nos anos seguintes. À demagogia do duque de Atenas que, desafiando a lei corporativa, deu satisfação a todas as reivindicações dos operários dos lanifícios, se sucedeu a ditadura capitalista mais brutal. Então, as revoltas logo eclodiram. Em 1343, 1.300 trabalhadores se levantaram; em 1345, nova revolta, liderada por um cardador⁴, e tendo por objeto a organização dos trabalhadores da lã. A grande peste negra em Florença, que dizimou a classe trabalhadora, escasseou a mão de obra e assim provocou aumento de salários tal que a *arte della lana* teve de estabelecer impostos, agravando ainda mais a luta de classes. Depois de uma crise causada pela guerra contra Pisa, e que interrompeu temporariamente os conflitos, o retorno da prosperidade, por um fenômeno que se reproduziu frequentemente desde então, levou a uma greve dos tintureiros que durou dois anos e terminou em derrota em 1372; mas esta derrota não acabou com a fermentação das camadas laboriosas.

Esta fermentação coincidiu com um conflito entre a pequena burguesia de um lado, e a grande burguesia, até certo ponto unida aos nobres, de outro. Os nobres, como classe, foram definitivamente derrotados quando, após a queda do duque de Atenas, tentaram tomar o poder; mas a maioria das famílias nobres era aliada da alta burguesia, dentro do *partido guelfo*. Este partido formara-se na luta, há muito terminada entre guelfos e gibelinos⁵; o confisco de bens dos gibelinos deram-lhe riqueza e poder. Transformado em organização política da alta burguesia que passou a dominar a cidade desde a queda do duque de Atenas, falsificava os escrutínios, tirava proveito da

4 Cardador é a função do operário que prepara a matéria prima para a fiação. Quanto ao líder, tratava-se de Ciuto Brandini, operário florentino. Em 1345, tendo sido abolido, após a expulsão do duque de Atenas, o privilégio que permitia aos *Ciampi* formar um corpo militar com estandarte próprio, incitou-os à revolta contra a opressão dos proprietários, constituindo uma associação. Preso, foi decapitado. Informação da Enciclopédia Treccani, disponível em https://www.treccani.it/enciclopedia/ciampi_%28Enciclopedia-Italiana%29/

5 Partidários, respectivamente, da autoridade do papado ou do sacro império romano-germânico.

medida de exceção tomada anteriormente contra os gibelinos e que permanecera em vigor para afastar seus adversários das funções públicas. Quando, apesar das manobras do partido guelfo, Salvestro de Medici, um dos líderes da pequena burguesia tornou-se, em junho de 1378, gonfaloneiro de justiça, e quando propôs medidas contra os nobres e contra o partido guelfo, o conflito tornou-se agudo. Companhias de arte saíram armadas às ruas; os trabalhadores as apoiaram e atearam fogo em algumas mansões e prisões que estavam cheias de presos por dívidas. Finalmente, Salvestro de Medici venceu. Mas, como disse Maquiavel, "que se tome cuidado para não provocar sedição em uma cidade, gabando-se de que poderá detê-la ou dirigi-la como se queira".

Da direção da pequena e média burguesia, o movimento caiu nas mãos do proletariado. Os trabalhadores permaneceram na rua; as artes *menores* lhes deram apoio ou deixaram continuar. E já apareceu o traço que se reproduzirá espontaneamente nas insurreições proletárias francesa e russa: a pena de a morte foi decretada pelos insurgentes contra os saqueadores. Outra característica de levantes da classe trabalhadora, o movimento não é, de forma alguma, sanguinário; não há derramamento de sangue, exceto de um tal de Nuto, policial particularmente odiado. A lista de demandas insurgentes, lista levado aos priores em 20 de julho, também tinha um caráter de classe. Pediam a transformação dos impostos, que pesavam muito sobre os trabalhadores; a supressão dos "oficiais estrangeiros" da *arte della lana*, que constituem instrumentos de repressão contra os trabalhadores, e desempenhavam um papel análogo ao da polícia privada que as companhias mineradoras têm hoje na América. Acima de tudo, pediam a criação de três novas artes: uma vigésima segunda arte para tintureiros, pisoadores e tosquiadores de tecidos, ou seja, para os trabalhadores dos lanifícios ainda não reduzidos à condição de proletários; uma vigésima terceira arte para alfaiates e outros pequenos artesãos não ainda organizados; enfim, e sobretudo, uma vigésima quarta arte para o "povo miúdo", ou seja, de fato para o proletariado, que é então principalmente constituído pelos trabalhadores das oficinas de lã. Assim como a *arte della lana* era na realidade apenas um sindicato patronal, esta *arte do povo miúdo* teria funcionado como um sindicato operário; e ele deveria ter a mesma participação no poder estatal do que o sindicato patronal, porque os insurgentes exigiam um terço das funções públicas para as três novas artes, e um terço para as artes *menores*. Como essas reivindicações demorassem a ser aceitas, os trabalhadores invadiram o Palácio em 21 de julho, liderado por um cardador de lã que se tornara contramestre, Michele de Lando, imediatamente nomeado gonfaloneiro da justiça, e que formou um governo provisório com os líderes do movimento de artes menores. Em 8 de agosto, a nova forma de governo, de acordo com as reivindicações operárias, está organizada e dotada de uma força armada constituída não mais de mercenários, mas de cidadãos. A grande burguesia, sentindo-se momentaneamente mais fraca, não se opõe abertamente, mas ela fecha ela oficinas e lojas. Quanto ao proletariado, ele rapidamente percebe que o que obteve não lhe dá segurança, e que uma divisão igualitária de poder entre eles, artesãos e patrões é uma utopia. Dissolve a organização política que as artes menores se deram; elabora petições sobre petições; retira-se para Santa Maria Novella, organiza-se como fizera anteriormente o partido guelfo, nomeia oito oficiais e dezesseis conselheiros, e convida as outras artes para virem conferenciar sobre a constituição a ser dada à cidade. Portanto, a cidade tem dois governos, um no Palácio, em conformidade com a nova legalidade, o outro não legal, em Santa Maria Novella. Este governo extralegal assemelha-se singularmente a um *soviet*; e vemos aparecer, por alguns dias, nesse primeiro despertar de um proletariado apenas constituído, o fenômeno essencial das grandes insurreições operárias: a dualidade de poder. O proletariado, em agosto de 1378, já se opunha, como faria depois de fevereiro 1917, à nova legalidade democrática que ele mesmo havia instituído, o órgão de sua própria ditadura.

Michele de Lando faz o que qualquer bom chefe de Estado social-democrata teria feito em seu lugar: ele se volta contra seus antigos companheiros de trabalho. Os proletários, tendo contra eles o governo, a grande burguesia, as artes menores e, sem dúvida, também as duas novas artes não

proletárias, são derrotados após uma batalha sangrenta e ferozmente exterminados no início de setembro. A vigésima quarta arte é dissolvida, assim como a força armada que tinha sido organizada em agosto; os operários são desarmados; contratam-se tropas do campo, como em Paris depois de junho de 1848. Algumas tentativas de sublevação foram feitas durante os meses seguintes, com o slogan: “pela vigésima quarta arte!” Eles são ferozmente reprimidos. As artes menores mantêm a maioria em cargos públicos por mais alguns meses; então o poder é compartilhado igualmente entre eles e as artes principais. Os tintureiros, que mantiveram sua arte, ainda podem usá-la para ações trabalhistas e impor uma tarifa mínima. Mas uma vez privados, por culpa deles, do apoio deste proletariado cuja energia e determinação os levaram a poder, artesãos, pequenos comerciantes, pequenos lojistas são incapazes para manter seu domínio. A burguesia, como observa Maquiavel, deixa o campo livre para eles apenas na medida em que ela ainda teme o proletariado; assim que ela o julga definitivamente arrasado, ela se desfaz de seus aliados de um dia. De mais a mais, eles mesmos se desagregam internamente sob a influência da desmoralização, também muito característica, que penetra suas fileiras. Eles permitiram que um dos principais líderes da classe média, Scali, fosse executado; e esta execução abriu caminho para uma reação brutal, que obrigou ao exílio de Michele de Lando, o próprio Benedetto Alberti e muitos outros, a supressão da vigésima segunda e vigésima terceira artes, a dominação da artes maiores, a restauração das prerrogativas do partido guelfo. Em janeiro de 1382, o status quo de antes da insurreição estava restaurado. O poder dos empresários era doravante absoluto; e o proletariado, privado de organização, sem poder reunir-se, mesmo para um funeral, sem autorização especial, teve que esperar muito tempo antes que ele pudesse questioná-lo.

Maquiavel, escrevendo um século e meio depois do acontecimento, em um período de completa calma social, três séculos antes da elaboração da doutrina do materialismo histórico, soube, no entanto, com a maravilhosa penetração que lhe é própria, discernir as causas da insurreição e analisar as relações de classe que determinaram o seu curso. A narrativa da insurreição – e que reproduzimos a seguir – é, apesar da manifesta hostilidade aos insurgentes, que ele erroneamente confunde com saqueadores, mais notável ainda por uma surpreendente precisão em tudo o que responde às nossas preocupações atuais apenas pelo caráter cativante da narração e a beleza do estilo.[1]

12.

Apenas apaziguado este primeiro levante⁶, deu-se um outro que prejudicou ainda mais a república. A maior parte dos incêndios e dos roubos ocorridos nos dias recentes havia sido praticado pela ínfima plebe da cidade; e aqueles que foram mais ousados temiam receber, uma vez apaziguadas e resolvidas as pendências mais graves, a pena de suas faltas, e serem, como sempre acontece, abandonados pelos instigadores de suas más ações. Soma-se a isso o ódio que o povo miúdo tinha pelos cidadãos ricos e pelos chefes das artes, que não lhes concediam salários suficientes compatíveis com o que ele achava que merecia. Quando a cidade, sob Carlos I, foi dividida em artes⁷, cada uma escolheu chefes e uma forma de governo; e foi decretado que os chefes de cada arte julgaria, em matéria civil, todos os que lhe estivessem ligados. Essas artes, como disse, eram

6 O texto traduzido e transcrito por Simone Weil para a publicação em Crítica Social (1934) corresponde aos tópicos 12 a 17 do livro terceiro de *História de Florença*, cuja numeração constante da edição italiana e da tradução de Martins Fontes, incluímos aqui. No início da apresentação S.W. alude aos tópicos anteriores, nos quais Maquiavel menciona o conflito entre os partidários do papado e os do império, desdobrando-se nas disputas pelo poder em Florença durante abril de 1378, em decorrência da ação do gonfalonieiro Salvestro de Médici contra a nobreza. Após a turbulência, as leis criadas pelos guelfos foram anuladas e seus representantes foram declarados rebeldes. Apesar de aceitação geral de tais medidas, Maquiavel assinala, no tópico 11, a insegurança entre os artesãos quanto a permanência de seus inimigos na cidade. A paz, portanto, durou pouco tempo. As notas entre colchetes são de autoria de S.W.

7 Ou seja, durante a primeira dinastia carolíngia do Império Sacro Romano-Germano, sob o reinado de Carlos I, O Grande (25 de dezembro de 800 a 28 de janeiro de 814)

inicialmente doze; e, com o tempo, foram aumentando a ponto de atingir o número de vinte e um, e se tornaram tão poderosas que, depois de um curto período de tempo, se apoderaram de todo o governo da cidade. E como entre elas havia algumas que eram mais honradas do que outras, foram divididas em maiores e menores. Havia sete maiores e catorze menores... Mas, quando as artes foram organizadas, muitos ofícios aos quais as pessoas comuns e a plebe inferior se dedicavam, permaneceram sem sua própria arte; e aqueles que as exerciam estavam subordinados às artes com as quais se relacionavam. Assim, quando estavam insatisfeitos com seus salários, ou, de uma forma geral, oprimidos por seus mestres, eles não tinham outro recurso senão os magistrados das artes a que estavam sujeitos; e não lhes parecia nunca que esses magistrados lhes faziam justiça como era devido. De todas as artes, aquela a que se encontrava subordinado o maior número de trabalhadores era a arte da lã; era a arte mais poderosa de todas e a primeira em autoridade, e alimentado com sua indústria, como ainda faz, a maior parte da plebe e do povo comum.

13.

Assim, esses homens da plebe, tanto aqueles que estavam sujeitos à arte da lã como aqueles que dependiam de outras artes, estando cheios de ressentimento, e também de medo, por causa dos incêndios e roubos cometidos, reuniram-se várias vezes, à noite, em segredo, para falar dos acontecimentos passado e examinar os perigos que os ameaçavam. Lá um deles, mais enérgico e experiente que os outros, falou o seguinte para animar seus companheiros: "Se fôssemos deliberar neste momento para saber se deveríamos pegar em armas, queimar e saquear as casas dos cidadãos, despojar a Igreja, eu estaria entre aqueles que julgariam que isso merece reflexão; e talvez eu seria da opinião de preferir a pobreza tranquila ao ganho perigoso. Mas já que pegamos em armas e que já há muito mal feito, parece-me que devemos buscar o meios de manter as armas e afastar o perigo em que nos põem as ofensas cometidas por nós... Vocês vêem que toda a cidade está cheio de rancor e ódio contra nós; os cidadãos se reúnem os priores juntam-se aos outros magistrados. Acreditem, eles preparam armadilhas contra nós e novos perigos ameaçam nossas cabeças. Então nós temos que procurar obter duas coisas e atribuir às nossas deliberações um duplo objetivo: ou seja, por um lado, não sermos castigados pelo que fizemos nos dias anteriores, por outro lado poder viver com mais liberdade e mais bem-estar do que anteriormente. É adequado para esse fim, parece-me, se quisermos que nos perdoem erros antigos, cometer novos, redobrar os excessos, multiplicar furtos e incêndios e procurar envolver um grande número de companheiros. Pois onde há muitos culpados, ninguém é castigado; os pequenos erros são punidos, os que são importantes e graves são recompensadas. E quando um grande número de pessoas sofre, a maioria não busca vingança, porque as injúrias gerais são suportadas com mais paciência do que as particulares. Assim, multiplicando o mal, encontraremos mais facilmente o perdão e veremos abrir-se adiante o caminho que nos levará aos objetivos que queremos alcançar para sermos livres. E vamos, parece-me, para uma conquista certa; pois os quem poderia ficar em nosso caminho são desunidos e ricos; sua desunião nós dará a vitória, e sua riqueza, uma vez que se torne nossa, nos permitirá mantê-la. [2] Não se deixem assustar por esta antiguidade do sangue do qual eles se orgulham; pois todos os homens, tendo a mesma origem, também são antigos e a natureza nos fez a todos pelo mesmo modelo. Despidos e nus, todos seriam iguais; vistamos suas roupas, deixe-os vestir as nossas, sem dúvida pareceremos nobres e eles pessoas do comum; porque só a pobreza e a riqueza fazem a desigualdade. Tenho pena de ver que muitos de vocês se arrependem do que fizeram e querem se abster de novas ações. E certamente, se for assim, vocês não são em quem eu acreditei; nem o remorso nem a vergonha nos devem assustar; pois para os vencedores, seja qual for a maneira como venceram, nunca há vergonha. E devemos ignorar as dores de consciência; pois onde há, entre nós, o medo da fome e da prisão, o inferno não pode e não deve assustar. Mas se vocês observarem como os homens se comportam, verão que todos os que alcançaram grande riqueza e poder, chegaram pela astúcia e pela força... Deus e a natureza colocaram todas os bens diante do homem; mas esses bens são mais o preço de pilhagem do que do trabalho, e mais dos processos desonestos do que dos honestos. É por isso que os homens comem uns aos outros e que o

mais fraco é sempre uma vítima; então temos que usar a força quando a oportunidade se apresenta... Confesso que essa tomada de posição é ousada e perigosa; mas quando a necessidade manda, a audácia se torna prudência e os homens corajosos nunca pensam nos perigos nos grandes empreendimentos... Além disso, acredito que quando você vêem a prisão, a tortura e a morte sendo preparadas, é mais temerário esperar do que procurar como se colocar em segurança; no primeiro caso o mal é certo, no segundo é duvidoso... Vocês vêem os preparativos de seus oponentes; vamos antecipar seus planos. A vitória está garantida para aquele que é o primeiro a pegar em armas e ao mesmo tempo arruinar inimigos e sua própria elevação; muitos de nós ganharão honra nessa vitória, todos encontrarão segurança nela. » Violentemente inflamados por esta eloquência e tendo já por si mesmos suas mentes inclinadas para o mal, eles resolveram pegar em armas quando tivessem envolvido um número maior de companheiros em seus projetos. E se comprometeram por juramento a ajudar-se mutuamente, se acontecesse que um deles fosse oprimido pelos magistrados.

14.

Enquanto se preparavam para tomar o Estado, os priores tomaram conhecimento de seus desígnios; prenderam um tal de Simone della Piazza que revelou a eles toda a conspiração e que a rebelião iria começar no dia seguinte. Vendo o perigo, os priores uniram os Colégios e os cidadãos que trabalhavam com os síndicos das artes para restaurar a união na cidade. A noite chegou antes que todos estivessem juntos; a assembleia aconselhou os priores a mandarem chamar os cônsules das artes. Todos concordaram em convocar todos os homens armados de Florença e em mandarem descer à praça, na manhã seguinte, os gonfaloneiros do povo com suas companhias armadas. Um tal de Nicolo de San Friano estava consertando o relógio do palácio no momento em que Simone estava sendo torturado e os cidadãos se reuniam; percebendo o que estava acontecendo, ele voltou para casa e sublevoou toda a sua vizinhança. Um momento depois, mais de mil homens armados estavam reunidos na Praça do Santo Espírito. Esse alvoroço chegou aos ouvidos de outros conjurados, e São Pedro Maior e São Lourenço, locais por eles designados, encheram-se também de homens armados. Na manhã seguinte, 21 de julho, não havia na praça mais de oitenta homens armados para a defesa dos priores. Nenhum gonfaloneiro veio, porque souberam que toda a cidade estava em armas e tinham medo de sair de casa. Entre os primeiros entre os insurretos que apareceram na praça estavam aqueles que se reuniram em São Pedro Maior; diante sua chegada as tropas não se moveram. O resto da multidão então apareceu e, não encontrando obstáculos, reivindicou os prisioneiros dos priores, com gritos terríveis; então, querendo obtê-los pela força, já que não tinham bastado as ameaças, puseram fogo na casa do Luigi Guicciardini; então os priores, temendo o pior, lhes entregaram seus homens. Assim que recapturaram os prisioneiros, os insurretos arrancaram o estandarte de justiça do homem que a carregava; e, marchando sob esta bandeira, foram queimar as casas de muitos cidadãos, atacando aqueles que lhes eram odiosos por razões públicas ou privadas. Muitos cidadãos, para vingarem-se de suas injúrias particulares, os conduziam às casas de seus inimigos; bastava para isso que uma voz gritasse no meio da multidão: "Na casa de fulano!" ou que aquele que carregava o estandarte na mão, se virasse para aquele lado. Ao mesmo tempo que faziam tanto mal, acrescentaram a isso uma ação louvável, nomeando cavaleiros Salvestro de Medici e até sessenta e quatro outros cidadãos, incluindo Benedetto e Antonio Albenti, Tommaso Strozzi e outros amigos seus; muitos receberam este título apesar de si mesmos.

O que é mais notável neste caso é o fato de que foram queimadas muitas casas de cidadãos que depois, no mesmo dia, receberam e das mesmas pessoas (tanto era a proximidade entre benefício e injúria), o título de cavaleiro; foi o que aconteceu em particular com Luigi Guicciardini, magistrado da justiça. Os priores, em meio a tanto tumulto, vendo-se abandonados por tropas, chefes das artes e seus gonfaloneiros, foram desencorajados; porque ninguém veio em seu auxílio de acordo com as ordens dadas. Dos dezesseis magistrados apenas o estandarte do Leão de Ouro e

o da Belette, com Giovenco della Stuffa e Giovanni Cambi. No entanto, estes permaneceram pouco tempo na praça; não se vendo seguidos pelos outros, eles retiraram-se. Por outro lado, os cidadãos, vendo a fúria dessa multidão e o palácio abandonado, alguns se fecharam em suas casas, outros seguiram a multidão armada, para melhor poderem, encontrando-se no meio dela, defender suas casas e as de seus amigos. Então o poder dessa multidão estava aumentando, a dos priores diminuindo. Essa desordem durou todo o dia; e quando anoiteceu os insurretos pararam no palácio de Stefano, atrás a Igreja de São Barnabé. Eram mais de seis mil; e antes do nascer do dia, obrigaram as artes, por meio de ameaças, a enviar-lhes seus estandartes. Quando chegou o dia, eles foram com o magistrado da justiça e o estandartes para a frente ao palácio do podestà⁸, e como este se recusou a entregar-lhes o palácio, eles atacaram e triunfaram.

15.

Os priores, querendo tentar chegar a um acordo com eles, já que não podiam ver meios de detê-los pela força, trouxeram quatro membros de seus colégios e os enviaram ao palácio do podestà para conhecer a vontade dos revoltados. Esses enviados viram, ao chegar, que os chefes da plebe, em conjunto com os síndicos das artes, já haviam preparado os pedidos que queriam para fazer aos priores. Voltaram, então, para os priores, acompanhados por quatro delegados da plebe encarregados dessas demandas. Devia-se proibir a arte da lã de manter seus juízes estrangeiros; formar três novas artes, uma para cardadores de lã e tintureiros, outra para barbeiros, fabricantes de gibões, alfaiates e outras artes mecânicas, e a terceira para o povo miúdo; dois dos priores deveriam sair dessas três artes novas, e três nas artes menores; os priores deviam fornecer a estas novas artes um lugar onde eles poderiam se encontrar; nenhum membro dessas artes poderia ser obrigado, antes de dois anos, a pagar uma dívida superior a cinquenta ducados; a casa de penhores deveria parar de cobrar juros e não exigir mais do que o principal; presos e condenados deviam ser absolvidos e os direitos cívicos de todos os advertidos [3] restaurados. Os revoltados também pediram muitos favores para aqueles que os apoiaram; em troca, eles queriam que seus inimigos fossem admoestados e banidos. Essas exigências, embora desonrosas e perigosas para a república, com medo de acontecer o pior, foram imediatamente atendidas pelos priores, pelos colégios e pelo conselho do povo. Mas para que tivessem força de lei, ainda era necessária a aprovação do conselho da comuna; e desde que dois conselhos não poderiam ser reunidos no mesmo dia, tiveram que adiar para o dia seguinte. No entanto, as artes e os plebeus pareciam satisfeitos e prometeram que, uma vez que a lei fosse promulgada, não haveria mais confusão.

Quando amanheceu, enquanto o conselho da comuna deliberava, a multidão impaciente e volúvel veio à praça com seus estandartes de costume e com gritos tão agudos e terríveis que o conselho e os priores se apavoraram. Guerriante Marignoli, um dos priores, sobre quem o medo agiu com mais violência do que qualquer outra emoção, saiu sob o pretexto de guarda a porta do andar de baixo e fugiu para sua casa. Ele não conseguiu se esconder bem ao sair e foi reconhecido pela multidão; nenhum mal foi feito a ele, mas a turba, ao vê-lo, começou a gritar que todos os priores deveriam deixar o palácio, ou então seus filhos seriam massacrados e suas casas queimadas. No entanto, a lei havia sido aprovada e os priores haviam se retirado para seus quartos de dormir; os membros do conselho haviam descido e, sem sair, permaneceram na galeria do pátio, desanimados com relação à salvação da cidade, ao verem tão poucos sentimentos de honra na multidão e tanta malignidade ou tanto medo entre aqueles que poderiam tê-la contido ou esmagado. Entre os priores reinava também a perturbação, incertos da salvação da pátria, abandonados por um dos deles, e sem que nenhum cidadão lhes desse ajuda ou mesmo conselho. Enquanto eles ficaram assim, sem saber o que podiam e o que tinham que fazer, Tommaso Strozzi e Benedetto Alberti, fossem eles movidos pela ambição pessoal e para ficarem senhores do palácio, ou porque acreditavam que era o melhor saída, exortou-os a ceder ao impulso popular e voltar para suas casas como simples indivíduos. Diante de tal conselho, dado por aqueles que haviam sido chefes

8 Autoridade equivalente a de um prefeito.

da revolta, Alamanno Acciaiuoli e Niccolo del Bene, dois priores, ficaram indignados, embora os outros priores estivessem dispostos a obedecer; e, recuperando um pouco de vigor, eles disseram que se os outros quisessem ir embora, eles não iriam poderiam se opor, mas que, por eles, não queriam abrir mão de seus autoridade antes que chegasse o tempo, a menos que, ao mesmo tempo, perdessem a vida. Essas divergências redobram o medo dos priores e a cólera do povo; finalmente o gonfaloneiro, preferindo terminar sua magistratura vergonhosamente em vez de correr perigo, colocou-se sob a proteção de Tommaso Strozzi, que o tirou do palácio e levou-o para casa. Os outros priores partiram da mesma maneira, um após o outro; e Alamanno e Niccolo, para não considerados mais corajosos do que prudentes, retiraram-se por sua vez quando se viram sozinhos. O palácio, portanto, permaneceu nas mãos da plebe e também dos Oito da guerra [4], que ainda não haviam deposto seus poderes.

16.

No momento em que a plebe entrou no palácio, quem trazia na mão o estandarte do gonfaloneiro da justiça era um certo Michele di Lando, cardador de lã. Este último, descalço e mal vestido, subiu as escadas com toda a multidão; e quando ele estava na sala de audiências dos priores, ele parou, virou-se para a multidão e disse: "Você vê que este palácio é seu e que a cidade está entre suas mãos. O que vocês querem fazer agora?" Ao que todos responderam que fosse ele o gonfaloneiro e senhor, e governasse a eles e à cidade como lhe parecesse melhor. Michele aceitou o senhorio; e como ele era um homem sensato e prudente, que devia mais à natureza do que à sorte, resolveu apaziguar a cidade e acabar com a desordem. Para manter o povo ocupado e ganhar tempo para tirar suas medidas, deu ordens para procurar um certo Nuto, que havia sido designado chefe de polícia por Lapo da Castiglionchio. A maioria aqueles ao seu redor foram cumprir esta ordem. E, para inaugurar com um ato de justiça o poder que ele havia adquirido por favor, ele proibiu publicamente roubos e incêndios. Para assustar a todos, mandou levantar uma forca na praça. Então, para iniciar a reforma do Estado, ele destituiu os síndicos das artes, nomeando novos, privou os priores e os Colégios de seus mandatos; queimou as bolsas do escrutínio do último governo. Entretanto Nuto foi levado para a praça pela multidão e pendurado na forca por um pé; e, cada um daqueles ao seu redor começaram a a arrancar um pedaço de seu corpo, logo ficou dele apenas o pé. Os Oito do guerra, por outro lado, acreditando que a saída dos priores os tornava senhores da cidade, já haviam indicado novos priores. Michele, suspeitando disso, disse-lhes para deixar o palácio imediatamente, acrescentando que ele queria mostrar a todos que ele era capaz de governar Florença sem conselho. Reuniu então os síndicos das artes e nomeou os priores, dos quais quatro da plebe miúda, dois para as artes maiores e dois para as artes menores. Ele também organizou uma nova votação e dividiu o poder do Estado em três partes, uma das quais iria para as artes novas, a segunda para as artes menores, a terceira às artes maiores. Ele concedeu a Salvstro de Medici a renda das lojas da Ponte Velha, tomou para si a podestà de Empoli e fez muitos outros favores a muitos outros cidadãos amigos da plebe, não tanto recompensá-los por seus serviços do que torná-los seus defensores contra os invejosos.

17.

Parecia à plebe que Michele, ao reformar o Estado, havia atendido muito bem a alta burguesia⁹; ela não achava que tinha uma parcela de poder grande o suficiente poder mantê-la e defender-se;

9 As observações e anotações de S.W. são nitidamente políticas e sofrem de um anacronismo do ponto de vista histórico. Insere na própria narrativa de Maquiavel conceitos e uma compreensão cabíveis apenas ao tempo dela, a exemplo da identificação de interesses de classe e da definição de Estado, ausentes no pensamento do autor. Contudo, esse erro não compromete o sentido político da interpretação feita da primeira "insurreição" (levante, revolta) do nascente proletariado: quando, em junho-agosto de 1378, se estabelece uma ruptura "de classe" na cidade de Florença, S. W. a indica como uma experiência precursora da dualidade de poder do proletariado russo em 1917. A propósito da obra de Maquiavel que, nos anos 1930 era considerado como "cientista da política", Gramsci observa com pertinência o vínculo às condições e exigências da época caracterizadas pelas "lutas internas da república florentina e da estrutura particular do Estado que não sabia libertar-se dos resíduos comunais-municipais, isto é, de uma forma estorvante de feudalismo". Maquiavel aspirava uma Itália unificada semelhante as monarquias nacionais absolutas, em configuração na França e Espanha de sua época (Gramsci, A. Cadernos do Cárcere, volume 3, correspondente ao Caderno 13 (1932-1934) – Breves notas sobre a política de Maquiavel, p. 29)

então, com a costumeira audácia habitual, ela de repente pegou em armas novamente, desceu em tumulto para a praça atrás de seus estandartes e pediu que os priores fossem a sala de audiências para deliberar novamente sobre as providências a serem tomadas para o segurança e bem da plebe. Michele, vendo a arrogância deles e não querendo não aumentar sua raiva, deu pouca atenção ao que eles exigiam e, simplesmente culpando a forma como apresentaram suas reivindicações, rogou-lhes a depor as armas; pois assim lhes seria concedido aquilo que pela força não poderia ser concedido com dignidade pelos priores. Esta resposta fez com que a multidão, indignada contra o palácio, se retirasse para Santa Maria Novella; e lá eles nomearam oito chefes entre os seus, e ministros, e criaram ainda outras dignidades que lhes pareciam adequadas para atrair consideração e respeito. Assim, o Estado tinha duas sedes, e a cidade dois governos separados. Esses chefes decidiram que oito delegados, escolhidos pelo artes que participavam do movimento, viveriam no palácio com os priores e que todas as decisões tomadas pelos priores deveriam ser confirmadas por eles. Eles tiraram de Salvestro de Medici e Michele di Lando tudo o que a plebe, por suas decisões anteriores, lhes havia concedido. Deram a um grande número dos seus, funções e pensões, para lhes permitir manter sua posição com dignidade. Uma vez tomadas estas, quiseram dar-lhes força de lei e enviaram dois deles aos priores para pedir-lhes que confirmassem essas decisões pelos conselhos, com o propósito de arrancar esta confirmação pela força se eles não pudessem obtê-la de de boa vontade. Estes enviados cumpriram o seu mandato na presença dos priores com um grande audácia e uma presunção ainda maior, ao reprovar o gonfaloneiro pela dignidade que a plebe lhe dera, pelas honras que lhe dera concedida, e a ingratidão e falta de respeito que demonstrou para com a mesma plebe. E como eles chegaram, no final de seu discurso, a ameaças, Michele não conseguiu mais suportar tamanha arrogância; pensando mais no posto que ocupava do que da baixaza de sua condição, ele pensou por bem reprimir por meios extraordinários a insolência extraordinária e, empunhando a espada que ele carregava ao seu lado, ele os feriu gravemente; então ele os mandou amarrar e colocar na prisão.

Esta ação, quando foi conhecida, despertou a fúria da multidão. Esta, acreditando que poderia conquistar pelas armas o que não conseguira obter desarmado, pegou em armas com raiva e tumulto e marchou para extrair o consentimento dos priores à viva força. Michele, por outro lado, desconfiando que eles estavam vindo, decidiu antecipar-se-lhes, pensando que haveria mais glória para ele atacar primeiro do que ficar em casa esperando o inimigo, e ver-se depois forçado, como seus predecessores, a desonrar o palácio e envergonhar-se fugindo. Reuniu, portanto, um grande número de cidadãos, nomeadamente aqueles que já começaram a se arrepender de seu erro, montou em seu cavalo e, seguido por muitos homens armados, marcharam sobre Santa Maria Novella para lutar contra a plebe. Esta, que tinha, como dissemos, tomado uma decisão semelhante, também tinha partido, quase ao mesmo tempo que Michele, para a praça. O acaso fez com que não tomassem o mesmo caminho e não se encontrassem na estrada. Então Michele, refazendo seus passos, encontrou a praça ocupada pela plebe e que se combatia pelo palácio. Ele se envolveu em batalha com eles, derrotou-os, expulsou parte deles da cidade e obrigou os outros a depor armas e se esconder. Esta vitória foi obtida e a ordem restabelecida pelo único mérito do gonfaloneiro...Se ele tivesse um caráter perverso ou ambicioso, o República teria perdido completamente a liberdade e teria caído sob uma tirania pior que a do duque de Atenas. Mas a prudência de Michele e sua virtude que não deixava vir a seu espírito nenhum pensamento contrário ao bem geral, levou-o a conduzir o caso de forma a ser seguido por um grande número de pessoas de seu partido e conseguir dominar os outros com armas. Inspirou também medo na plebe e arrependimento nos melhores artesãos; estes entenderam que vergonha seria para eles, que tinham domado o orgulho dos grandes, suportar o jugo da plebe.

(*La Critique Sociale*, 11 de março de 1934.)

[1] O texto a seguir foi retirado da *Istorie Fiorentine* de Maquiavel, livro III, cap. XII-XVII. A a tradução é de S. W. (nota do editor).

[2] De acordo com esta fórmula, Maquiavel concebeu a insurreição dos *Ciompi* como essencialmente voltada para a expropriação dos ricos. (Nota de S.W.)

[3] Cidadãos privados de direitos como "gibelinos", ou seja, sob pressão do partido "Guelfo". (Nota de S.W.)

[4] O Conselho de Guerra dos Oito era uma organização cujos membros pertenciam à pequena burguesia. (Nota de S.W.)



Veduta del tumulto dei Ciompi avvenuto a Firenze il 20 luglio 1378. Disegno di Lodovico Pogliaghi per la Storia d'Italia di Francesco Bertolini, 1895